

## A INFORMAÇÃO NA DESCONSTRUÇÃO DE PRECONCEITOS DOS QUADROS DEPRESSIVOS

### *INFORMATION IN DISCONTINUING PREJUDICE FROM DEPRESSIVE TABLES*

#### **Débora Adriano Sampaio**

Doutora e Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Curso de Biblioteconomia pela Universidade Federal de Carira (UFCA). Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0545-7379>

#### **Esdras Renan Farias Dantas**

Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduação em Biblioteconomia pela UFPB. Bibliotecário da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7667-2418>

#### **Vitória Régia Araújo de Alencar**

Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio e Ciências Biológicas pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Servidora da Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte, CE

**RESUMO:** Aborda o processo discriminatório em torno da saúde mental no Brasil. Discute as consequências da desinformação na elaboração e efetivação de políticas públicas voltadas ao acompanhamento e cuidados terapêuticos dos pacientes acometidos de transtornos depressivos. Evidencia a importância dos serviços de informação das bibliotecas e da atuação do bibliotecário neste contexto. O estudo é exploratório e bibliográfico. A depressão, e os sujeitos que por ela são acometidos, carregam o estigma, como consequência do preconceito da sociedade, que relaciona seus sintomas, e o processo de tratamento clínico e terapêutico, à inadequação social ou à falta de força de vontade para superá-la.

**Palavras-Chave:** Saúde mental; Depressão; Informação em saúde; Discriminação da depressão; Preconceito da depressão.

**ABSTRACT:** It addresses the discriminatory process around mental health in Brazil. Discusses the consequences of misinformation in the elaboration and implementation of public policies aimed at monitoring and therapeutic care of patients with depressive disorders. It highlights the importance of library information services and the role of the librarian in this context. The study is exploratory and bibliographic. Depression, and the subjects affected by it, carry stigma, as a consequence of society's prejudice, which relates its symptoms, and the process of clinical and therapeutic treatment, to social inadequacy or the lack of willpower to overcome it. over there.

**Keywords:** Mental health; Depression; Health information; Discrimination against depression; Prejudice of depression.

## 1 INTRODUÇÃO

As doenças mentais acometem frequentemente uma grande parcela da população mundial<sup>1</sup>. Atualmente, apesar do amplo acesso à Internet e da vasta produção e disponibilidade de informação nos mais variados canais e redes sociais, convivemos periodicamente com o preconceito declarado de diversas formas e em relação a diversas temáticas. No âmbito deste trabalho, abordaremos os estigmas e a desinformação que envolve o contexto da saúde mental, especialmente, dos transtornos depressivos que, embora, afete um contingente significativo da sociedade e mesmo com a produção e publicidade de campanhas pontuais de alerta e conscientização, o panorama discriminatório permanece notório.

Quando nos introduzimos neste cenário, a partir da revisão de literatura e da aproximação com a realidade que circunda os que padecem de quadros depressivos, percebemos as dificuldades que enfrentam com a incompreensão e, conseqüentemente, com o preconceito que encontram no seio da sociedade. No entanto, muitas vezes, este preconceito pode partir dos próprios acometidos pela enfermidade que, impregnados de uma cultura excludente, característica de um pensamento coletivo segregador que impera em nossa sociedade, banalizam o adoecimento mental, tornando-os resistentes na busca por um tratamento e acompanhamento adequados, representando, assim, um grande desafio no combate à doença.

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivos: debater sobre o processo discriminatório em torno da saúde mental no Brasil, considerando a compreensão de fatores históricos e culturais que envolvem a construção do preconceito neste cenário; discutir sobre as conseqüências da desinformação na elaboração e efetivação de políticas públicas que viabilizem a participação da sociedade e subsidiem ações voltadas ao acompanhamento e cuidados terapêuticos dos pacientes acometidos de transtornos mentais, especificamente, dos que padecem de transtornos depressivos; evidenciar a importância dos serviços de informação das bibliotecas e da atuação do profissional da informação - bibliotecário - neste contexto.

---

<sup>1</sup> De acordo com a estimativa do ano de 2018 da Organização Mundial de Saúde (OMS). (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE - OPAS, 2018)

Assim, essa abordagem propõe um debate, no sentido de realizar um estudo exploratório, baseado a partir do olhar convergente sobre a bibliografia que envolve a temática em pauta: informação e saúde mental.

## **2 SAÚDE MENTAL NO BRASIL: FATORES HISTÓRICOS E CULTURAIS DO PROCESSO DISCRIMINATÓRIO**

Os transtornos mentais configuram-se como um dos mais graves e urgentes problemas de saúde coletiva dos dias atuais. Índices da Organização Mundial de Saúde (OMS) demonstram que sujeitos de qualquer idade, cultura e condição socioeconômica estão vulneráveis ao adoecimento mental, atribuindo-lhe, assim, a posição de fenômeno global (BARROS et al., 2006).

O grande desafio que se apresenta para o avanço de ações efetivas no campo da saúde mental é a superação dos obstáculos introduzidos pelo preconceito. Tratar os transtornos mentais, entre outras medidas, inclui reconhecer e transpor a discriminação e a banalização que expande esta problemática.

O preconceito tem fundamento histórico. Ao longo dos tempos, observamos que o “diferente” ou o que abala a visão da “razão” comum, ou seja, da grande parcela da sociedade, da opinião que “prevalece”, é definido como anormal, considerado estranho ou “louco” e, na maioria das vezes, excluído dos grupos sociais.

A doença mental não é sinal de malogro pessoal. Não acontece só aos os outros. Todos nos lembramos de uma época, ainda não há muito tempo, em que não se podia falar abertamente sobre cancro. Era segredo de família. Ainda hoje muitos de nós preferiríamos não falar sobre AIDS. Estas barreiras estão a ser, pouco a pouco, derrubadas (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2017, p. 11).

Embora, observemos diferentes grupos desenvolvendo campanhas publicitárias no intuito de desmistificar muitos conceitos e práticas exclusivistas, ainda é possível verificar que esses posicionamentos e práticas permanecem, ainda, fortemente no âmago da sociedade, especialmente quando nos referimos às doenças psicológicas, sendo a depressão, uma dessas patologias, caracterizada como um distúrbio psiquiátrico. Foucault (1972) discorre sobre este cenário, partindo de uma análise sobre como este pensamento perpassou do renascimento para toda a sociedade, ao abordar sobre o fenômeno da “loucura”. Neste âmbito, aqueles sujeitos que não se enquadravam nas normas deveriam ausentar-se da sociedade, precisavam

manter distâncias significativas, não eram bem quistos, pois representavam desonra, afronta ou vergonha, sendo vistos como excluídos e constantemente discriminados.

Vivenciamos nos dias de hoje, portanto, uma realidade onde aquilo é diferente do normal é visto como desprezível, imperfeito ou incapaz, particularmente ao que tange os quadros de adoecimento mental, por isso é necessário e urgente o desenvolvimento de ações que objetivem uma ruptura com os paradigmas existentes. Apesar dos direitos existentes, os pacientes acometidos de transtornos mentais e seus familiares enfrentam diversos tipos de preconceitos, muitas vezes, silenciosamente, como consequência da desinformação (CARVALHO, 2016). Diante disso, é fundamental refletirmos sobre a importância da mediatização da mediação, do acesso e disseminação da informação na área da saúde, para promover rupturas, desconstruções de pensamentos estereotipados e a reconstrução de uma sociedade menos preconceituosa, capaz de respeitar as diferenças e construir redes de apoio que sejam capazes de acolher e valorizar o ser humano, independentemente de suas diferenças ou condições psiquiátricas, ressignificando as circunstâncias sob as quais se apresentam, fomentando, inclusive, o resgate participativo desses pacientes ao seio da sociedade.

### **3 AS CONSEQUÊNCIAS DA DESINFORMAÇÃO NOS QUADROS DEPRESSIVOS: PERDAS HUMANAS E RETROCESSOS SOCIAIS**

De acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), organização vinculada à OMS, a depressão se encontra em ascensão em todo o mundo. Estima-se que mais de trezentos milhões de pessoas sejam acometidas deste transtorno. Esta condição difere das oscilações habituais de humor e de outras condições emocionais de curta duração que se apresentam frente aos desafios da vida cotidiana. Quando ocorre um longo período e com intensidade de sintomas moderados ou graves, a depressão pode representar um grave estado de saúde mental, podendo levar à pessoa afetada a um processo de sofrimento e diversas disfunções laborais, na aprendizagem e no ambiente familiar. Na pior das situações, a depressão poderá conduzir ao suicídio. Sua característica assoladora, pode destituir a autoestima e a esperança de vida de seus portadores, devastando todos os que se encontram ao redor. Aproximadamente, oitocentas mil pessoas não sobrevivem as tentativas de suicídio a cada ano, sendo, assim, considerado o segundo principal fator gerador de morte entre sujeitos com idade entre 15 e 29 anos (OPAS, 2018).

A OMS adverte que cerca de um terço (1/3) dos que sofrem com o adoecimento mental e neurológico não tem acesso ao acompanhamento médico e psicológico e, conforme as estimativas, até o presente ano, cerca de milhões de pessoas deverão sofrer de depressão, devendo ser considerado o distúrbio mais incapacitante para o trabalho em todo mundo (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2017). O Programa vinculado à OMS, Mental Health Gap Action Programme (MHGAP), no entanto, prioriza a depressão, no sentido de auxiliar os países a ampliarem os serviços prestados às pessoas com transtornos mentais, neurológicos e de uso de substâncias, por meio de programas de saúde que garantam cuidado e acompanhamento. A OMS admite que, com cuidados, assistência psicossocial e medicação adequados, milhões de pessoas com transtornos mentais, incluindo depressão, poderiam retomar uma vida normal, mesmo diante da escassez de recursos (OPAS, 2018).

O atual momento de distanciamento social vivenciado em todo o mundo, em decorrência da pandemia de Covid-19, evidenciado por inúmeras dificuldades e desafios, expandiu o número de casos de depressão (UERJ, 2020). Ao enfrentar um contexto que impôs o isolamento, impulsionou o desemprego, desolou famílias com o luto, a recessão econômica, devastando a sociedade e desencadeando múltiplas problemáticas, as pessoas foram conduzidas a um estágio de profundas incertezas e adversidades, desenvolvendo e agravando os quadros de adoecimento mental pela depressão.

#### **4 DESAFIOS DA ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO NO CONTEXTO DA SAÚDE MENTAL: MEDIAÇÃO E SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO**

A maior parte dos portadores de transtornos psíquicos, especificamente, dos pacientes depressivos, não tem acesso às informações relevantes sobre a gravidade do adoecimento e/ou são impactados e paralisados pelo preconceito predominante na sociedade. Assim, distanciam-se da possibilidade de tratamento médico e terapêuticos apropriados, tornando-os cada vez mais vulneráveis à desesperança, consequentemente a optarem por desistir da continuidade da própria vida.

Todavia, a informação não somente poderá ser visualizada como uma possibilidade de transformação da realidade desses pacientes, como pode ser apreendida como um elemento determinante no contexto de uma sociedade marcada historicamente por preconceitos em diversas esferas, materializados em condutas agressivas e posicionamentos que são geradores de inúmeras desordens e problemáticas catastróficas.

O papel do bibliotecário e da biblioteca, deve ser desenvolvido para além das ações de organização e preservação de acervos. Assumir uma função social significativa, intencionando a modificação das estruturas sociais, possibilitando educação e socialização do conhecimento deve ser apreendido como ponto de partida e alicerce de suas práticas. Ao nos referirmos sobre educação e acesso à informação aos indivíduos, compreendemos como direitos universais, cabendo ao Estado à obrigação de garanti-los. (CHAGAS; PIZARRO, 2016).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As redes e serviços de informação que se estabelecem na atual conjuntura social crescem progressivamente, graças ao avanço e as dinâmicas promovidas pelas tecnologias da informação e da comunicação. Entretanto, nem sempre essa perspectiva ou ideia de avanços na contemporaneidade, significa ascensão ou desenvolvimento do pensamento ou de posicionamentos sociais e coletivos.

Se, por um ângulo, podemos identificar, no presente século, uma frenética busca pela informação e produção de conhecimentos, por outro, percebemos a estagnação que caracteriza uma relevante parcela da sociedade, quanto aos modos de agir e de pensar sobre inúmeras questões que se apresentam nos mais diversos contextos sociais. É sob essa realidade que a depressão, enquanto transtorno mental, e os sujeitos que por ela são acometidos, carregam o estigma, como consequência de pontos de vistas e posicionamentos preconceituosos da sociedade, que relaciona seus sintomas, bem como o processo de tratamento clínico e terapêutico, à inadequação social ou à falta de força de vontade para superá-la.

É importante considerar que o tratamento da depressão, envolve, entre outras medidas supracitadas, a superar o desafio do preconceito social pré-existente em relação ao adoecimento mental, bem desenvolver políticas sociais sobre o adoecimento mental que incluam também, o combate à banalização e a desconstrução dos estereótipos por meio, não somente, de campanhas de sensibilização, mas, sobretudo de programas e serviços e informação que objetivem, além de oportunizar ao paciente, acesso às informações sobre o processo de tratamento clínico e terapêutico, promovam a transformação do pensamento coletivo vigente na sociedade atual.

Apesar de a depressão, no presente ano, 2020, ser apontada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como a doença mais incapacitante do século, os transtornos mentais, de modo geral, ainda representam uma dissensão real no atual contexto social, estando relacionada aos efeitos devastadores da patologia.

A discussão sobre informação para a saúde mental, em âmbito global, requer atenção e urgência. Muitos que sofrem com tais transtornos, conseguem ser diagnosticados a tempo, todavia, o subdiagnóstico, ainda é uma realidade, na chamada “era da informação”. A banalização e o preconceito em relação aos transtornos mentais, estão fortemente presentes e em destaque nas mídias sociais, identificando pensamentos e comportamentos consequentes da desinformação ou incompetência informacional.

Contudo, com base na problemática social que enfatizamos nesta abordagem, somos desafiados, enquanto profissionais da informação, a estabelecer esta mediação a partir dos diversos canais e serviços de informação ofertados nas diferentes instituições e unidades de informação.

O adoecimento mental é uma patologia incontestável que acomete mais pessoas do que podemos precisar, vitimando, de forma crescente, muitos em nosso entorno, sem que sequer percebamos o seu nível ou gravidade. Os sintomas isolados não são menos letais do que a desinformação. A propósito, é parte integrante e decisiva no processo de cura ou uma consequência fatal. O caminho a ser percorrido, ainda que pareça longo, repleto de dificuldades e ausência de incentivos dos mais variados, pode ser apreendido como uma trajetória passível de trilha e de aproximações com a linha de chegada

## REFERÊNCIAS

- CARVALHO, J. L. Um pouco sobre a história do preconceito. 2016. Disponível em: <https://www.psicologiasdobrasil.com.br/um-pouco-sobre-historia-do-preconceito/>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- CASTRO, C. A.; RIBEIRO, M. S. P. As contradições da sociedade da informação e a formação do bibliotecário. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 41-52, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2079/2209>. Acesso em: 27 jun. 2020.
- CHAGAS, R. L.; PIZARRO, D. C. Bibliotecas em ambiente de saúde mental: um diálogo interdisciplinar. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 930-943, ago./nov. 2016. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/1247>. Acesso em: 05 jul. 2020.

- DELGADO, P. G. G. *et al.* Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. *In*: MELLO, F. M.; MELLO, A. A. F.; KOHN, R (Orgs.). **Epidemiologia da saúde mental no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DUPAS, G. **Ética e poder na sociedade da informação**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 2, v. 22, p. 5, 1997.
- LEITE, L. R. T.; MATOS, J. C. M. Zumbificação da informação: a desinformação e o caos da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. esp., 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/918/941>. Acesso em: 22 jun. 2020.
- LOUREIRO, L. M. J. *et al.* Literacia em saúde mental de adolescentes e jovens: conceitos e desafios. **Revista de Enfermagem Referência**, v. 3, n. 6, p. 157-166, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/ref/vserllln6/serllln6a15.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2020.
- MACHADO, A. L.; COLVERO, L. A. Histórias do Grupo de Pesquisa da Subjetividade em Saúde. *In*: MACHADO, A. L.; COLVERO, L. A.; RODOLPHO, J. R. C. **Saúde mental: cuidado e subjetividade**. Rio de Janeiro: Editora SENAC, 2013.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS) BRASIL. **Folha informativa - depressão**. 2018. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095). Acesso em: 17 jun. 2020.
- PINHEIRO, M. M. K.; BRITO, V. P. Em busca do significado da desinformação. **DataGramZero**: Revista de Ciência da Informação, v. 15, n. 6, dez./2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/45886>. Acesso em: 28 jun. 2020.
- SCHEFFER, G; SILVA, L. G. Saúde mental, intersetorialidade e questão social: um estudo na ótica dos sujeitos. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 118, abr./jun. 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-66282014000200008&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282014000200008&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 18 jun. 2020.
- THE WORLD HEALTH REPORT: new understanding, new hope. Geneva: OMS, 2011. Disponível em: [https://www.who.int/mental\\_health/en/](https://www.who.int/mental_health/en/). Acesso em: 21 jun. 2020.
- UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ). **Pesquisa da UERJ indica aumento de casos de depressão entre brasileiros durante a quarentena**. Diretoria de Comunicação. 2020. Disponível em: <https://www.uerj.br/noticia/11028/>. Acesso em: 21 jun. 2020.
- WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Depression and other common mental disorders: global health estimates**. 2017. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/254610/1/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf?ua=1>. Acesso em: 12 jun. 2020.

<p>Recebido/ Received: 18/08/2020          Aceito/ Accepted: 09/09/2020          Publicado/ Published: 25/10/2020</p>
---